

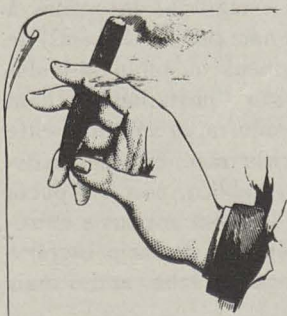
A RONDA DO CINEMA NACIONAL

O cinema português despertou da letargia, no 25 de Abril, com "As Armas e o Povo" em que uma vintena de profissionais actuou colectivamente — prática amiúde relançada, com efeitos voláteis. Por essa altura, Joaquim Lopes Barbosa consumara, em Moçambique, "Deixem-me ao Menos Subir às Palmeiras...", de referência quase-lendária, e um dos únicos exemplos positivos, nas ex-colónias. Desde 1972, Alberto Seixas Santos acumulara, em "Brandos Costumes", os sinais duma viragem e, em 1975, António de Macedo exorcisava suas fantasias com "O Princípio da Sabedoria", caso típico de luz encarnada na estratégia das distribuidoras.

António Reis, descobrindo em "Trás-os-Montes" a paisagem da nossa originalidade poética, e José Álvaro Morais, com a citação de Arpad Szenes sobre Vieira da Silva, "Ma Femme Chamada Bicho", ambos de 1976, reconstroem a memória mágica e o ritual de transfiguração inerentes a um desenraizamento. Lembrar de então "As Ruínas no Interior", de José de Sá Caetano, ou percorrer "Veredas" (1977), de João César Monteiro, é estímulo para nos determos — respectivamente, de 1981 — nas virtualidades de "Um S Marginal", que detalha a ameaça de cerco e desagregação, e "Silvestre", narrativa fantástica de prenhes referências.

Com "Maria.", em 1979, João Mário Grilo refaz a alquimia das primeiras imagens, tocando o prazer do cinema. Manoel de Oliveira, de "Benilde ou a Virgem-Mãe" (1974) ao "Amor de Perdição" (1978), prolonga a vertigem fatídica dos assombros, relações funestas, um envolvimento romântico de que Camilo Castelo Branco, inevitavelmente, se torna protagonista em "Francisca"... Forçando o vértice e precária aventura nacional, este veterano *irreverente* suscita a estrangeira descoberta duma cinematografia, face à qual repercute os vestígios de ruptura.

Vergílio Ferreira e Manuel da Fonseca são o alicerce de "Manhã Submersa" e "Cerro maior", onde Lauro António e Luís Filipe Rocha pontuam o universo concentracionário, duma instituição ou duma comunidade, propondo ao público dois tipos de reflexão sobre adolescência frustrada. Partindo do exílio, "Oxalá" de António-Pedro Vasconcelos toma por vector o 25 de Abril, face ao qual Rui Simões coloca o "Bom Povo Português", num jogo inexorável entre os discursos visual e oral. Ainda em 1980, "Passagem ou a Meio Caminho", de Jorge Silva Melo, sagra o confronto



“Amor de Perdição”,
Manoel de Oliveira,
1978



“Dina e Django”,
Solveig Nordlund,
1981



“Ma Femme Chamada Bicho”,
José Álvaro Morais,
1976



entre revolução e utopia, nostalgia e vanguarda, e “Kilas, o Mau da Fita”, de José Fonseca e Costa, é uma aposta no espectáculo popular, explorando o abismo dramático de ocorrências triviais.

Linha próxima, debruando o universo artificioso das fotonovelas, desenvolve Solveig Nordlund em “Dina e Django”, quanto ao modo como o quotidiano é envenenado por obsessões fatídicas. Também de 1981, “Conversa Acabada”, de João Botelho, reconstitui — num universo gráfico, estilizado e perturbante — a relação entre Fernando Pessoa e Mário de Sá-Carneiro, esbanjada pelos textos, a amizade e a morte. Sobrevivendo à fluidez dos seus fantasmas, o cinema português parece, agora, assumir a fisionomia e o recorte dum imaginário imbuído nas vivências duma cultura original.

